

# Nos acordes do futebol

Beto Xavier une em livro as duas maiores paixões nacionais: futebol e música. Autor lista mil composições dedicadas ao esporte número 1 do País

DA AGÊNCIA ESTADO, DE SÃO PAULO

Som e bola – essa dupla de classe tinha tudo para dar certo no Brasil. E deu. A tabelinha está registrada em *Futebol no país da música* (Panda Books) do jornalista Beto Xavier. Ao longo de 276 páginas, Beto, que cobriu como profissional inúmeros festivais da canção e é torcedor do Grêmio de Porto Alegre, refaz essa história feliz da música que comenta o esporte favorito dos brasileiros.

Uma relação que começou lá atrás, como ele registra em pesquisa que lhe custou 15 anos de trabalho, e aponta o choro *1 a 0*, de Pixinguinha, como uma espécie de marco inicial, não apenas pela importância da música em si, mas pelo fato de comemorar a primeira grande conquista internacional do Brasil. Com esse placar mudo sobre o Uruguai, gol do mítológico Arthur Friedenreich, a seleção ganhou o Campeonato Sul-americano de 1919, em partida dramática no Estádio das Laranjeiras, que levou o País ao delírio. Comovido, Pixinguinha compôs a música em homenagem ao escrete e deu-lhe o apertado placar como título. A música receberia letra, de Nelson Angelo, apenas em 1993, no disco *A vida leva*, no qual ele divide o vocal com um craque da MPB, Chico Buarque, fluminense apaixonado e boleiro de fim de semana em seu time, o Politeama.

*1 a 0* pode ser a pedra fundamental desse relação. Mas há quem diga que ela começou antes. "Há uma música chamada *Amadores da pelota*, de 1912, cuja gravação se perdeu", conta Beto em conversa com a reportagem, "e não há certeza de que se refira mesmo ao futebol, pelo que pesquisei em arquivos." Assim, pouco se conhece dessa pré-história da relação entre música e futebol no Brasil.

Em todo caso, a história, propriamente dita, é riquíssima, quase inesgotável, como testemunhou o pesquisador em seus vários anos de trabalho. "O livro cita mais de mil músicas relacionadas ao futebol, e isso porque nem prestei tanta atenção assim aos hinos dos times, porque se não o trabalho seria inesgotável", diz. Isso porque o mais pobre dos times de esquina pode nem ter um jogo de camisas decente, mas tem seu hino. Como são milhares espalhados pelo País, seria inviável conhecê-los e listá-los. Mesmo alguns grandes clubes têm mais de um hino, como é o caso do Santos, cuja música mais cantada pela torcida, *Leão do mar*, sequer é oficial do clube.

No capítulo hinos, claro, o destaque do livro vai para Lamar-



Sérgio Ricardo foi vaiado e não conseguiu cantar a composição *Beto bom de bola*, no Festival da Record, em 1967. Enfurecido, ele quebrou o violão no palco, numa cena clássica dos festivais brasileiros



Lamarline Babo compôs hinos para clubes cariocas. Já Noel Rosa fez versos com alusões ao esporte

tine Babo, que compôs a música-tema para cada um dos clubes do Rio de Janeiro, produzindo obras-primas em série. Lálá preservou o melhor de todos ao seu clube do coração, o América Futebol Clube. É um plágio, dizem.

A música dita erudita também não ficaria de fora do mundo da bola. Mesmo porque existe um vínculo de origem interessante entre os dois universos, com o casamento de Charles Miller, pioneiro do futebol no Brasil, e a pianista clássica Antonietta Rudge. Ela foi professora do compositor Gilberto Mendes, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*, que criou uma magnífica peça de música contemporânea em honra ao seu time, chamada *Santos Football Music*.

Sim, há os hinos, marchinhas, frevos e peças eruditas que falam de futebol. Mas a pátria musical da bola seria mesmo o samba. "Não por acaso, essa relação se solidifica entre os anos 20 e 30, quando o futebol caminha para o profissionalismo, o samba vive sua época de ouro e a *Rádio Nacional* difunde ambos para todo o País", explica Beto a respeito desse círculo virtuoso.

Como o samba e o futebol

passam a ser as paixões nacionais, parece natural que conversem entre si. Mesmo o reticente Noel Rosa faz alusões – em *Conversa de boqueteim*, quer saber do garçom "qual foi o resultado do futebol". Noel não entregava seu time. Mas dizia torcer para o clube em que jogava Fausto, a Maravilha Negra. Ou seja, o Vasco. E assim todos os clubes ganharam músicas em homenagem. Mas, compreensivelmente, nenhum deles como o Flamengo no Rio, e o Corinthians em São Paulo.

Jogadores também foram lembrados, como Sócrates, Pelé, Garrincha, Júnior, Zico, Fio Maravilha. Muitos deles retribuíram a cortesia e tornaram-se cantores. Se não exibiam no gôgo à mesma competência mostrada em campo, pelo menos deixaram seus registros vocais. O rei Pelé chegou a gravar com Elis Regina, rainha da MPB em sua época. Como Charles Miller e Antonietta Rudge na época clássica do futebol, Garrincha e a sambista Elza Soares sacramentaram em casamento a união simbólica entre música e futebol na era moderna.

Nem toda relação entre música



Futebol no país da música  
Beto Xavier  
Panda Books  
276 páginas, R\$ 32,90

ca e futebol teve final feliz. Em 1967, Sérgio Ricardo resolveu investir seu talento nessa área. Mas a indócil plateia do Festival da Record não tolerou seu *Beto bom de bola* e, com uma tempestade de vaias, o impediu de cantar. Revoltado, Sérgio quebrou o violão e o atirou à plateia. O ato entrou para a história dos festivais. E da música. Bola dividida também faz parte do jogo.

## Série com Selton Mello está entre as novidades da Globo

DA MÍDIA CULTURAL

Além de uma novela espiônica escrita por Elizabeth Bain (*Escrito nas estrelas*), a Globo terá, neste ano, uma série sobre o espiritismo, que deverá ser estrelada por Selton Mello. O anúncio foi feito ontem em entrevista em São Paulo para o lançamento da nova programação da emissora.

A cura será a primeira série escrita por João Emanuel Carneiro, autor de novelas como *A favorita* (2008) e *Da cor do pecado* (2004). Vai tratar da vida de um jovem médico de Diamantina, interior de Minas Gerais, acusado de mistar um colega. Ele descobrirá que tem a capacidade de curar pessoas por meio de cirurgias espirituais. O personagem viverá a dúvida de manter ou não essa atividade e a angústia de saber que a entidade que incorpora é a de um médico assassinado.

A série será semanal. Cada episódio terá história própria, além de uma trama que prossegue ao longo dos capítulos. Carneiro terá a parceria de Marcos Bernstein, diretor de *O outro lado da rua*. A direção-geral é de Ricardo Waddington.

O programa entrará no ar depois do final de *Justiça para todos*, outra novidade divulgada ontem. Com Márcio Garcia



Selton Mello vai viver o protagonista de *A cura*

no elenco, o seriado policial começa em uma rave em 2003, na qual um estudante de direito morre durante uma briga. Sete anos depois, um grupo presente à festa, que hoje conta com um juiz, uma promotora, um advogado, uma delegada federal e um jornalista, resolve denunciar o assassino daquele evento. O texto é de Antônio Calmon e a direção, de Wolf Maya. *Justiça* será exibido após o final da nova temporada de *Força-tarefa*, que, a partir de 6 de abril, vai ao ar às terças.

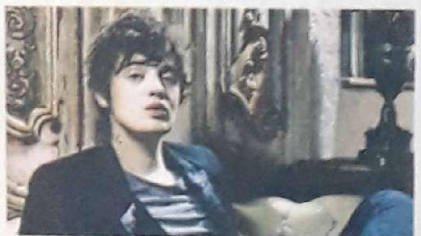
No humor, além da volta de Chico Anysio no comando do quadro *Condomínio do Terror no Zorra Total*, a Globo lançará *Tudo junto e misturado*, criado e protagonizado por Bruno Mazzeo. Nova série do núcleo de Guel Arraes, trata do cotidiano de seis pessoas.

## Peter Doherty é detido (novamente) em Londres

O cantor inglês Pete Doherty, do grupo Babyshambles, foi detido e logo depois liberado sob suspeita de ter fornecido drogas à cineasta Robin Whitehead, que morreu de overdose. Um porta-voz da Polícia Metropolitana de Londres informou que o britânico, de 31 anos, foi detido na sexta-feira passada e interrogado com outros três pessoas por relação com a morte, em janeiro, de Robin.

O corpo da jovem, herdeira da fortuna de Teddy Goldsmith, fundador da revista *The Ecologist*, foi achado em um apartamento de Hackney, no leste de Londres, em janeiro.

Um porta-voz policial confirmou a detenção de Doherty "sob suspeita de fornecer drogas". Ele foi solto após pagar fiança e terá que se apresentar na delegacia em abril para voltar a ser interrogado. (Agência EFE)



Cantor Pete Doherty foi preso acusado de ter dado drogas para cineasta Robin Whitehead, que morreu de overdose

## SIMONE ANTONIACI TUZZO

### Como vivem os médicos!



Sempre acreditei que a forma mais real de contar fatos não é pela narrativa propriamente dita, mas pelos recursos que a literatura nos oferece. Poetas, contistas e romancistas têm um quê de visão extraterrestre, que não é irreal, posto que existe, mas que transcende, por vezes a percepção dos seres humanos comuns.

Em *Síndrome de Deus*, primeiro livro de Luís Carlos Moraes, o autor nos apresenta com a realidade da rotina dos médicos, poderia ser qualquer um, pois aos olhos dos leigos, legiões de pacientes sedentos de cura de corpo e de alma, homens e mulheres parmentados, com jalecos brancos e ares de santidade, os médicos são seres superiores. Por isso mesmo o autor fez questão de mostrar que nem tudo o que parece é, e não somente pela história instigante que conseguiu escrever, mas pela ficção que poderia ser a realidade de qualquer profissional da área da medicina.

No livro o personagem principal se chama Lucas. Nome escolhido pelo autor por acaso... tal-

vez! Custa a acreditar! O autor optou por Lucas entre milhares de nomes. Um pouco porque é um nome fácil, um pouco porque parece simples, um pouco porque nos reporta à Santidade de São Lucas. Não um santo qualquer, mas um médico, evangelista, padroeiro dos médicos. Lucas é, sem dúvida, o melhor nome para um protagonista de um livro que trata os médicos como santos e homens, como deuses e mortais.

Houve um tempo em que os médicos eram vistos como deuses, quase deuses, semideuses. Homens de sabedoria, acima de qualquer outro cidadão. A profissão dos médicos. A sociedade mudou, os médicos chegam até a se misturar com a multidão, mas é sempre por pouco tempo. Só conseguimos isso quando estão fora dos limites geográficos do exercício da profissão, porque em seus consultórios, nas clínicas, nos hospitais eles voltam a ser especiais. Afinal, que outra profissão tem nas mãos o poder de salvar vidas com tanta frequência e com tanta propriedade?

Somos mortais. Nossa condi-

ção de seres mortais nos faz admirar ainda mais aqueles que desafiaram a morte, criam recursos, abusam da natureza e extraem dela sempre novas formas de prolongar nossa passagem pela Terra.

Em *Síndrome de Deus*, Lucas não é imortal nem super herói, nasce em uma família problemática, cresce sem afagos em sua autoestima e adulto carrega lembranças que lhe roubam o sono e lhe tiram a paz quase todas as noites. As dificuldades de sua adolescência, as brigas e desentendimentos com o pai, a saúde da mãe fazem morada constante em seus pensamentos. O livro é todo costurado pelos constantes pesadelos, marcas que nunca saíram de sua mente, figuras horrendas, cenas medonhas e situações nada comuns.

Lucas nunca foi bem resolvido com as mulheres. Nunca entendeu se o que sentia por elas era amor ou desejo, pois por diversos momentos reconheceu não saber retribuir tais sentimentos. As mulheres simplesmente existiam em sua vida, cada uma com uma função, não necessariamente de

amor ou desejo. Constituiu uma família, antes dela um filho com a namorada que sempre permaneceu presente. Depois da separação uma nova paixão, fruto de uma coincidência da vida e da profissão que lhe colocou no caminho o terceiro amor. Paralelamente, e de forma constante, a mulher confiante, presente nos principais momentos, a amante que, como todas as outras em sua vida, o amou loucamente. A sua difícil relação com o amor, esse sentimento que ele descreve com muita pouca intimidade, atribui aos tempos de infância e à família que nunca o ensinou o que era amar.

A relação conflituosa no casamento, a separação e o desfecho inesperado dessa relação amorosa é o ponto alto do livro. Seus amores, seus filhos, seus amigos e seus colegas de profissão estarão envolvidos nessa trama de amor, ódio, soberba, egoísmo, presunção e poder. A convivência com a esposa é algo nada ortodoxo e seu descaído noturno nem sempre é em sua residência. A fidelidade da esposa rica e mimada, que o perturbava com insinuações e agressões verbais, contribuiu para que suas noites fossem um verdadeiro inferno, obrigando-o a fugir desses conflitos, ora em hotéis, ora buscando a companhia de suas confidentes, ora noites em claro com o alibi perfeito de ter que ficar no trabalho.

Bem sucedido financeiramente, Lucas mora confortavelmente, frequenta os melhores restaurantes, convive com a restrita alta sociedade paulista, além de dirigir o carro dos sonhos da esmagadora maioria dos homens. Com o divórcio aflora em Lucas o sentimento da ganância e o apego aos bens materiais. Não admite, de forma alguma, perdê-los.

Lucas é um médico que sabe que glória e fracasso dependem simplesmente da notícia que se dá à família do paciente. Se o paciente estiver vivo e com saúde, o médico é um herói. Se a caminho do necrotério, o encanto se quebra e o semi-Deus volta a ser mortal e incapaz de realizar ações de santidade.

O cenário é São Paulo, porque é neste Estado que o protagonista desenvolveu toda a sua vida acadêmica e profissional. Cleveclaud, onde fez residência médica, serviu como um incentivo à busca da ascensão profissional e, concomitantemente, sua ascensão social.

A capital paulista lhe caiu muito bem, tanto é verdade que por conta de trabalhar em um dos melhores hospitais e ter uma clientela apurada, sua fama lhe proporcionou, em um episódio que definitivamente vai marcar sua vida, a aproximação com um influente

político. O médico agora tem a oportunidade de transitar pelas vias do poder político, depois da conquista da fama e do dinheiro.

O livro cresce com a presença de Ana Clara a mostrar que Lucas gosta da medicina e da cirurgia, na mesma proporção que gostava do poder e de tudo que o envolve. Por consequência de sua obstinação em revelar a trajetória do cirurgião, colhe depoimentos de intimos e contemporâneos do doutor Lucas, nos fazendo chegar a verdades surpreendentes, que nos revelam segredos e descortinam sentimentos ocultos.

A obra é instigante, desafia quem só conseguimos parar de ler quando viramos a última página. Um romance com cenas de amor, ódio, assassinato, paixões e uma vida de profissional narrada por quem conhece o outro lado da vida médica. Os bastidores de um ser humano e uma história que transcende a própria profissão.

*Síndrome de Deus* é sempre uma leitura com sal no mediano. As vezes sermão, outras vezes metafórico, muitas vezes poético. Luís Carlos é um romancista nato, amadurecido, que mistura as palavras com delicadeza e harmonia. Um léxico harmônico que nos deixa sempre no limbo entre a realidade e a ficção.